

VISÃO NORTE-AMERICANA

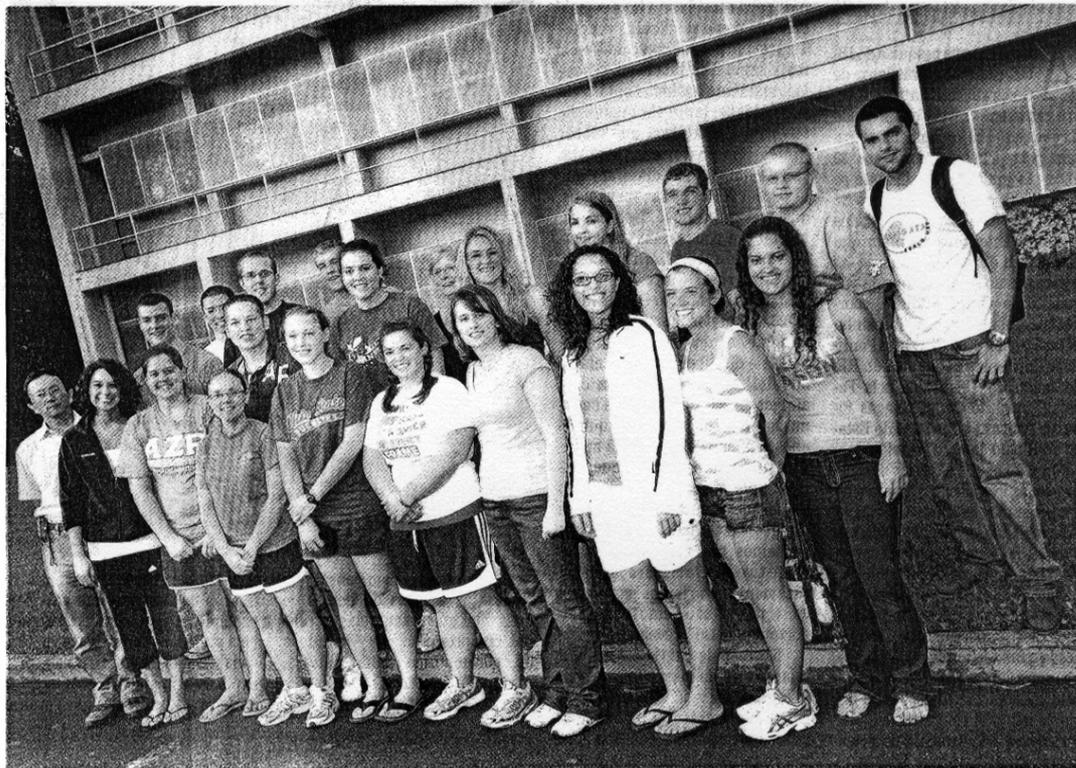
VANESSA PIAZZA

vanessa@jpjournal.com.br

Se você já pensou em fazer um intercâmbio, com certeza já deve ter se perguntado como seria sua adaptação em um outro país, como seriam as relações com a cultura e com a culinária, por exemplo. Para saber como essa experiência se dá na prática, a reportagem do Tribos conversou com estudantes norte-americanos da Ohio State University que chegaram ao Brasil há cerca de 15 dias para o programa de intercâmbio entre a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e aquela universidade, chamado de Alpha Zeta Partners.

Com o objetivo de promover a troca de experiências na área científica e tecnológica, o professor da Esalq e coordenador do programa, Ricardo Shirota, levou os alunos para conhecer uma empresa de Piracicaba que desenvolve um método ecologicamente correto de combate a pragas, já que não utiliza agentes químicos. Essa visita foi, segundo os estudantes, a maior surpresa que experimentaram desde que chegaram ao país. Alunos da área de agronegócio, os intercambistas contam que mais do que encantados com o clima agradável, a hospitalidade e a cordialidade dos brasileiros, estão mesmo é impressionados com a possibilidade de aprimorar seus conhecimentos e de conhecer técnicas que nem sabiam que existiam.

De acordo com o professor, iniciativas como essa possibilitam, por um lado, que estudantes, professores e pesquisadores de outros países entrem em contato com as potencialidades brasileiras, e demonstram o reconhecimento que instituições de ensino e pesquisa brasileiras como a USP (Universidade de São Paulo) já conquistaram ao redor do mundo.



Alunos da Ohio State University estão no Brasil há 15 dias para intercâmbio com a Esalq

Aluno do curso de economia agrícola e pertencente a uma família de agricultores de milho e soja dos Estados Unidos, Kip Shoemaker, 21, ficou encantado com o método que, na sua opinião, poderia ser aplicado também em seu país. Além disso, Kip fala com empolgação de algumas comidas que não conhecia e que teve a oportunidade de experimentar no Brasil, como polenta frita e esfirra.

Ainda em relação à alimentação, a estudante de educação rural, Jodi Wildermuth, 19, conta que ficou fascinada com o sistema de comida por quilo. “Eu achei uma ótima opção porque é um mecanismo que evita o desperdício”, avalia. Outro aspecto

positivo apontado por Jodi é a paciência do brasileiro. “As pessoas sempre tentam nos ajudar mesmo com as dificuldades de comunicação. Foi legal vivenciar isso porque agirei assim quando algum estrangeiro que estiver em meu país precisar da minha ajuda”, comenta.

Tanto Jodi quanto Jonathan Francis, 19, aluno de administração de sistemas agropecuários, se surpreenderam com o trânsito. “Os motoristas aqui são muito apressados. Lá as regras são mais rígidas e há um respeito maior em relação aos pedestres”, diz Jonathan que, apesar do pouco tempo na cidade, já ficou fissurado por alguns dos cartões-postais de Piracicaba,

como a ponte pênsil e o Engenho Central.

Para Stephanie Neal, 21, estudante de zootecnia, uma das diferenças mais marcantes entre o Brasil e os EUA está justamente na sua área de formação acadêmica. Com a pretensão de trabalhar como médica veterinária, a jovem conta que nos Estados Unidos não há uma graduação específica para isso, mas que é necessário fazer quatro anos de zootecnia e depois mais quatro anos de veterinária. “Achei que o sistema daqui é mais eficiente porque o espaço de tempo é mais curto, mas talvez o preparo lá seja melhor, já que são oito anos de estudo”, opina Stephanie, ao confessar que até agora o

ponto alto da viagem, na sua visão, foi a ida ao Clube do Samba de Piracicaba.

Com permanência no Brasil até 11 de fevereiro, os alunos ainda realizam diversas visitas técnicas a empresas, propriedades agrícolas, cooperativas, igrejas, museus, praias e escolas de samba, além de deixarem o hotel por um fim de semana e se instalarem na casa de uma família brasileira para que possam observar de perto as relações familiares e os hábitos dos brasileiros.

Segundo Shirota, o caminho inverso desse intercâmbio, ou seja, a ida de um grupo de alunos da Esalq para Ohio, é uma possibilidade considerada, mas que ainda depende de acertos.